

SOBRE “LA FRONTIERE ABSENTE (UN BILAN)”

Maria da Conceição Fonseca SILVA¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Começaremos a nossa reflexão sobre o tema dessa mesa “*Matérialités Discursives: La frontiere absente (un bilan)*” com as seguintes palavras de Malidier (1988, p.181): “a história da constituição da AD pode, talvez, ser vista como uma amostra da história das ciências dentro de um domínio, onde a ruptura é sempre lugar de recobrimentos”. Essa afirmação nos remete às desconstruções e reconfigurações do quadro teórico da Escola Francesa de Análise de discurso, configuradas nas três fases apontadas por Pêcheux(1983).

Sabemos que a primeira fase da Análise de discurso (doravante AD), marcada pela análise automática do discurso (AAD-1969), apesar de *propor aos lingüistas um modo de abordar a relação entre língua e história, ou melhor, de pensar a exterioridade no interior do objeto língua*, fica restrita a um conjunto de enunciados fechados, que se relacionam entre si pela justaposição, sendo passíveis de ser analisados por uma máquina lógico-semântica, em que o outro subordina-se ao mesmo, ou seja, o “outro da alteridade discursiva empírica” é reduzido ao mesmo e o “outro alteridade ‘estrutural’ só é (...) uma diferença entre mesmos” (cf. PÊCHEUX, 1983, p.313). As críticas tanto de lingüistas quanto de pesquisadores de outras áreas impulsionaram o deslocamento teórico que resultou em desconstruções e reconfigurações do quadro teórico da ADD.

¹ Doutora em Lingüística pela UNICAMP . Profª de Lingüística do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da UESB.

Em consequência dos questionamentos na ADD, surge a segunda fase da AD na França, marcada também pelo dispositivo analítico da “maquinaria-discursivo-estrutural”, mas com deslocamentos, principalmente, no “nível de construção dos *corpora* discursivos”, que deixam de se relacionar entre si pelo efeito de justaposição. Nessa fase da AD, a reconfiguração no quadro teórico é marcada pelo deslocamento do conceito de formações discursivas, de Michel Foucault, para fazer funcionar dentro do quadro materialista de (de)subjetivação da linguagem, juntamente com o conceito de formação ideológicas (FI). Tal deslocamento colocou em discussão a validade da maquinaria discursiva-estrutural fechada da primeira fase da AD, indicando que as relações entre as “‘máquinas’ discursivas estruturais” são relações de forças desiguais, apontando, pois, para uma reavaliação da questão do sujeito e do sentido.

O quadro epistemológico da AD nessa fase, como sabemos, articulou três regiões do conhecimento atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica: a) o materialismo histórico; b) a lingüística; c) e a teoria do discurso. A problemática dessa fase, segundo Pêcheux (1983a), decorre dessa relação desigual das formações discursivas; do fechamento da maquinaria discursiva, mesmo sendo concebido como resultado paradoxal da irrupção de uma além exterior e anterior; do sujeito do discurso continuar sendo concebido “*como puro efeito de assujeitamento à maquinaria da formação discursiva à qual ele se identifica*”; enfim, da insistência da alteridade na identidade discursiva que coloca em causa o fechamento desta identidade, da noção de maquinaria discursiva e da noção de formação discursiva tal como reformulada dentro da AD (cf. PÊCHEUX, 1983, p.314-315).

Esses problemas deram impulso a um outro momento e novas formulações foram postas em jogo para reconfigurar o quadro epistemológico da AD na terceira fase, marcada pela acentuação *do primado do outro sobre o mesmo e pela desconstrução das maquinarias discursivas*.

O início dessa nova fase é marcado pelas dúvidas e incertezas que giram em torno de dois períodos. Como assinala Malidier (1990), no primeiro, entre 1976 e 1977, Pêcheux e os althusserianos conduzem a batalha teórico-política contra o reformismo. No que se refere à lingüística e ao discurso, em consequência da chegada tardia da pragmática, da filosofia da linguagem, da análise da conversação, da crise da lingüística formal, do apogeu da lingüística da enunciação e da recepção dos trabalhos de Bakhtin na França, novas questões sobre a língua e o sujeito se impõem e as discussões se acentuam em torno das tendências da lingüística: *o logicismo* e *o sociologismo*. A questão que se recoloca é a necessidade de trabalhar a língua como base comum de processos discursivos diferenciados, sem ceder nem ao logicismo, nem ao sociologismo.

Ainda em 1977, do interior do marxismo, Pêcheux (1977), numa conferência no México, intitulada *Remontons de Foucault à Spinoza*, inicia o retorno a Foucault e começa a delinear uma nova reconfiguração no quadro da AD, operando o deslocamento das noções de “formas de repartição” e de “sistemas de dispersão” para fazer funcionar, na sua reflexão sobre a categoria marxista da contradição, as noções de “identidade e divisão do sentido do enunciado” e de formação discursiva dividida, não idêntica a si mesma, que se organiza na contradição, etc., anunciando uma maneira nova de pensar a contradição, como veremos mais

adiante: a heterogeneidade. Essa reflexão permite uma reorientação da problemática das ideologias dominantes.

No segundo período, entre 1978 e 1989, a crise do marxismo é acentuada e um novo “inverno político” se delineia. Em “*Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*”, Pêcheux (1978) reconhece que a Tríplice Aliança teórica que se configurou sob os nomes de Althusser, Lacan e Saussure, na França, na década de 60, com o objetivo de articular entre si o campo do Marxismo, da Psicanálise e da Lingüística, é problemático. E na tentativa de ajustamento ou de retificação do que escreveu em 1975, afirma que “*é preciso discernir o que falha não por pretender com isso se amparar definitivamente o verdadeiro(!), mas para tentar avançar tanto quanto se possa em direção à justiça*” (PÊCHEUX, 1978, p.299), reconhecendo que algo falhou na relação ao mecanismo ideológico de interpelação-assujeitamento e à Psicanálise.

Nessa fase, o trabalho de Marandin (1979) aponta para uma nova maneira de trabalhar em análise do discurso. A primeira contribuição desse trabalho diz respeito ao deslocamento da noção de formação discursiva como elemento das formações ideológicas, integrada à teoria do discurso, para o campo onde Foucault havia formulado: o campo de saberes discursivos. Tal retorno permitiu a reorientação da análise para a singularidade do acontecimento discursivo. A partir de Deleuze, questiona a questão da repetição, mostrando a necessidade de refletir o intradiscurso como lugar heterogêneo de rupturas. A noção de heterogeneidade, assim, é introduzida nesse trabalho, fazendo oscilar a noção de intradiscurso, o conceito teórico de *fio do discurso*, na relação com o interdiscurso, e fazendo emergir a questão da discursividade (cf. SILVA, 2003).

O lugar de desconstrução e reconfiguração dessa fase é marcado, entretanto, em 1980, no Colóquio *Matérialités Discursives*², cujas questões são colocadas em torno do real da língua, da história e do inconsciente. Os trabalhos apresentados no colóquio e retomados no texto intitulado “*La frontiere absente (un bilan)*”, discutido nessa mesa, possibilitaram uma maneira nova de trabalhar as questões das materialidades discursivas que se encontram no espaço de confrontação de diferentes disciplinas que se ocupam do discurso: a lingüística, a história e a psicanálise.

Nesse colóquio, dois nomes se engajam no terreno mesmo da AD: Marandin, por ter aberto possibilidades e ter forçado desbloqueios para a problemática do discurso, através de suas referências lingüísticas e filosóficas, que se ancoram fora do marxismo; e Authier-Revuz, que, desde 1978, através de suas reflexões sobre a questão do sentido e da enunciação, põe em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso, apresentando os elementos decisivos para a problemática da *heterogeneidade do discurso outro no discurso do mesmo*.

Em “*La frontiere absente (un bilan)*”, são retomadas discussões de Pêcheux; Courtine e Marandin; Kuentz; Vidal; Conein; Laclau; Guilhaumou e Maldidier; Lecomte; Henry; Gadet; Authier; Haroche; Rey; Davoine e Gaudillière; Gutman e Manier; Culioli, Faye, Rancière, Roudinesco.

² Organizado por Bernard Conein, Jean-Jacques Courtine, Françoise Gadet, Jean-Marie Marandin e Michel Pêcheux, esse colóquio foi realizado na Université Paris X, Nanterre, entre os dias 24 e 26 de abril de 1980 e publicado pela *Press universitaires de Lille*, em 1981. Além dos organizadores, participaram do colóquio Pierre Kuentz, Ernesto Laclau, Jacques Guilhaumou, Denise Maldidier, Alain Lecomte, Paul Henry, Jacqueline Authier, Claudine Haroche, Jean-Michel Rey, Françoise Davoine, Jean Max Gaudillière, Évelyne Gutman, Alain Manier, Antoine Culioli, Jean-Pierre Faye, Jacques Rancière, Elisabeth Roudinesco. As discussões giraram em torno dos temas, a saber: 1) Objeto da análise de discurso; 2) Discurso e história; 3) Discurso e lógica; 4) Discurso e Lingüística; 5) Discurso e psicanálise; 6) Discurso, história e língua.

Tais discussões giram em torno de algumas problemáticas. Uma delas se refere à ausência de fronteiras entre um interior e um exterior do discurso; do exterior do discurso pensado não mais como um além de uma fronteira, mas como um aquém sem fronteira assinalável, como presença-ausência do outro no mesmo sentido. A esse respeito são retomadas as noções de fragmentos de um discurso e inconsistência de uma formação discursiva (Courtine); discurso do outro no mesmo (Authier); irreducibilidade da língua no discurso de um sistema conceptual (Rey); domínio ideológico como efeito do interdiscurso no intradiscurso (Courtine e Marandin).

Uma outra problemática diz respeito à leitura como um trabalho de trituração, ou seja, à prática do trabalho sobre os discursos não mais definidos como leitura onde *o ver e o entender* se misturam, mas como trabalho no sentido de trabalho filosófico que se abre ao inconcebível num duplo gesto (Henry): a) conceber o concebível para mostrar o inconcebível, ou seja, regular um sistema e um intradiscurso; b) destruir a homogeneidade dos sistemas e dos intradisursos (cf. PÊCHEUX *et alii*, 1981, p.200)

Entre as problemáticas apontadas em “*La frontiere absente (un bilan)*”, destaca-se a de pensar o discurso como um acontecimento, como uma irrupção e uma emergência, como acontecimento funcionando como intervenção de um sujeito reformulando a irrupção. A fala aparece como a instância do outro no discurso, no interior do campo mesmo da linguagem, como o que fura a ordem do discurso, anulando todo metadiscurso, tanto no sentido de Vigal, quanto no sentido de Marandin. Ao mesmo tempo, a fala aparece como um jogo de linguagem no limite do silêncio: a fala intempestiva intervém como passagem aforística, trabalhando no discurso filosófico para desconstruir o dogmatismo,

como assinala Henry. O trabalho filosófico, nesse sentido, trabalha a linguagem sob a forma paradoxal: como falar disto que não se pode falar? Conforme Pêcheux, esse paradoxo atinge seu ponto máximo no momento em que o simbólico falta; em que o visível de um gesto ou de uma imagem vem provocar a ausência de toda a fala, como salienta Gaudiliere, Manier, Guilhaumou e Maldidier que reparam a emergência de um lugar enunciativo tomado por Henri Fiszbin, no aparelho e num discurso que repete, mas deslocado do fato mesmo de repetir num lugar outro. Um outro exemplo histórico de intervenção discursiva constitutivo do acontecimento, segundo o autor, concerne à aparição do lugar enunciativo do porta-voz no curso da Revolução Francesa, como postulado Conein.

A última problemática manifestada em “*La frontiere absente (un bilan)*” diz respeito à sintaxe entre o impossível e o interdito, ou seja, ao real da língua como o impossível que lhe é próprio³, conduzindo ao questionamento da autonomia da sintaxe em referência à discursividade.

Depois do exposto, reafirmamos que as questões em torno do real da língua, da história e do inconsciente, apresentadas no Colóquio *Matérialités Discursives*, em 1980, e retomadas em “*La frontiere absente (un bilan)*” - texto discutido pelos painelistas dessa mesa – indicam que, na década de 80, na França, Pêcheux e seu grupo apontam uma nova maneira de trabalhar as questões das materialidades discursivas que se encontram no espaço de

³ Conforme a tese de Milner (1979), a língua suporta o real da *lalangue*. Esse termo foi elaborado por Lacan para dar conta do equívoco constitutivo da língua, e, posteriormente, retomado e desenvolvido por Milner em o *Amor da língua*, onde define a articulação do desejo à língua: o impossível de achar, o equívoco, o deslize, a falha e a ambigüidade constitutivos da língua, inscritos na própria língua. O real da língua é, segundo Pêcheux e Gadet (1981:51), atravessado por físuras, atestadas pela existência do lapso e do *Witz*.

confrontação da lingüística, da história e da psicanálise. Essa reconfiguração é característica de um quadro teórico onde “a ruptura é sempre lugar de recobrimentos” e pode ser percebida, também, nos trabalhos publicados posteriormente por Pêcheux, a exemplo de “*Analyse du discours: trois époques*” e “*Discours: structure ou événement?*” e que serão discutidos nesse Seminário.

Referências Bibliográficas:

AUTHIER-REVUZ, J. Les formes du discours rapporté; remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés. *DRLAV*, Paris, n. 17, p. 1-81, 1978

COURTINE, J. Quelques problèmes théoriques et méthodologique en analyse du discours à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langage*, Paris, Larousse, n. 62, jun. 1981.

_____; MARANDI, J. N. Quel objet pour l'analyse du discours?. In: CONEIN, B. *et alii* (orgs.) *Matérialités discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981, p.21-33.

MALDIDIÉ, D. (1988). Éléments pour une histoire de l'analyse de discours en France. In: GUILHAUMOU, J. *et alii* (orgs.) *Philosophie et Langage. Discours et archive: expérimentations en analyse du discours*, Mardaga, 1994. p. 173-183.

_____. *L'Inquietude du Discours*. Paris, Editions des Cedres, 1990.

MARANDI, J-M. Problèmes d'analyse du discours essai de description du discours français sur China. *Langages*, Paris, n. 55, p. 17-88, sept. 1979.

MILNER, J-C. (1978). *O amor da língua*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

PÊCHEUX, M. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995.

_____. (1977). Remontons de Foucault à Spinoza. In: MALDIDIÉ, D. *L'Inquietude du Discours*. Paris, Editions des Cedres, 1990.

_____. (1978). Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: _____ (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995.

_____. (1983). A Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F e HAK, T (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

_____. La frontiere absente (un bilan). In: *Matérialités discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 197-207.

_____; GADET, F. *La langue introvable*. Paris, Maspero, 1981.

SILVA, M^a da C. F. *Discursos do cuidado de si e da sexualidade em revistas femininas e masculinas*. 354p. [Tese de doutorado em Lingüística]. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2003.